

6. TEMA EM ANÁLISE

Os jovens no mercado de trabalho – indicadores de medida em confronto

Sónia Torres* – Instituto Nacional de Estatística

1. Introdução

Tradicionalmente, os jovens constituem um grupo etário vulnerável no mercado de trabalho, por várias razões: têm pouca ou nenhuma experiência de trabalho; têm um nível de escolaridade relativamente baixo ou incompleto (o facto de o ensino obrigatório ser até aos 17/18 anos significa que aqueles que entram para o mercado de trabalho com idade dos 15 aos 24 anos deixaram de estudar relativamente cedo ou ainda não a concluíram os estudos); têm uma maior probabilidade de transitar para relações contratuais instáveis; e a sua antiguidade reduzida limita-lhes o acesso a prestações sociais de desemprego. Neste contexto, o risco de desemprego de jovens é superior ao de outros grupos etários.

O desemprego de jovens é também mais sensível ao ciclo económico do que o de outros grupos etários, uma vez que os jovens: estão mais concentrados em atividades económicas de natureza mais cíclica; estão presentes, de forma desproporcionada, entre os que trabalham a tempo parcial e/ou com contratos de trabalho com termo; e enfrentam maiores desafios à entrada no mercado de trabalho, dada a sua falta de experiência e a possível desadequação entre as competências que têm para oferecer e as que os empregadores procuram. Em períodos de recessão, os jovens estão na linha da frente daqueles que perdem os seus empregos, uma vez que os seus contratos de trabalho não são renovados e as perspetivas de emprego para os jovens diplomados que entram no mercado de trabalho diminuem, pois têm de competir com outras pessoas com mais experiência que também procuram emprego num mercado que tem menos empregos para oferecer.

No contexto da atual crise económica e financeira, os jovens passaram a constituir uma prioridade na visão social da União Europeia.

Em 2009, o Conselho aprovou um quadro de cooperação europeia no domínio da juventude para o período 2010-2018, com base na comunicação “Estratégia da UE para a juventude” que definiu os dois objetivos seguintes:

- Criar mais oportunidades para todos os jovens em igualdade de circunstâncias, tanto na educação como no mercado de trabalho.

* As opiniões expressas no “Tema em análise” são da inteira responsabilidade das/os autores e não coincidem necessariamente com a posição do Instituto Nacional de Estatística.

- Promover a cidadania ativa, a inclusão social e a solidariedade de todos os jovens.

A atenção dada aos jovens foi reforçada com a adoção, em junho de 2010, da Estratégia Europa 2020 para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo, que inclui uma série de iniciativas concretas para os apoiar na obtenção de emprego e a lidar com os desafios relacionados com a crise. De entre os seus objetivos, destacam-se a redução do abandono precoce de educação e formação³, o aumento dos níveis de conclusão do ensino superior, a redução do risco de pobreza e o aumento da proporção das pessoas com emprego.

De entre as iniciativas dirigidas especificamente aos jovens, inclui-se a iniciativa Juventude em Movimento, que apresenta um quadro de prioridades políticas para a ação ao nível nacional e da União Europeia para melhorar a educação e a empregabilidade dos jovens, reduzindo o desemprego, aumentando a taxa de emprego, facilitando a transição da escola para o trabalho, reduzindo a segmentação do mercado de trabalho e aumentando a mobilidade dos jovens.

Neste contexto, as estatísticas sobre os jovens tornam-se instrumentos essenciais para ajudar a acompanhar as medidas de política nos vários domínios cobertos pela Estratégia.

Em 2012, em Portugal, a taxa de desemprego de jovens (15 a 24 anos) foi de 37,7%, tendo sido de 30,1% em 2011. Ao mesmo tempo, a taxa de desemprego de adultos (25 e mais anos) passou de 11,2%, em 2011, para 13,8%, em 2012. O rácio entre ambas as taxas – uma medida da dimensão relativa do risco de desemprego – situou-se em 2,7 nos dois anos. Significa isto que a taxa de desemprego de jovens equivaleu, naqueles dois anos, a quase três vezes a taxa de desemprego de adultos.

No entanto, em 2012, também se observa que a maior parte dos jovens (68,0%) ainda estavam a estudar e a maior parte destes (85,2%) faziam-no em exclusivo, sendo por isso inativos.

Para a população jovem, a transição da escola para o mercado de trabalho nem sempre corresponde a um percurso unidirecional – envolvendo a transição para o primeiro emprego – podendo evidenciar contornos mais complexos associados aos processos de tentativa e erro

³ Indicador anteriormente designado por “abandono escolar precoce” e que corresponde à proporção da população com idade dos 18 aos 24 anos, com um nível de escolaridade completo até ao 3º ciclo do ensino básico, que não se encontrava em qualquer processo de educação ou formação.

no mercado de trabalho e ao retorno à escola. Estes processos são diferentes de pessoa para pessoa.

Em consequência, a classificação dos jovens nas várias condições perante o trabalho (emprego, desemprego e inatividade) é mais difícil de interpretar pelos utilizadores, quando comparada com a dos outros grupos etários. Assim, e decorrente do enfoque dado ao fenómeno do desemprego de jovens, é útil dotar os utilizadores de informação adicional sobre a forma como o desemprego dos jovens é medido e como é que ele interage com a educação.

Neste artigo, apresenta-se a forma de cálculo de alguns indicadores que permitem avaliar a magnitude do desemprego de jovens (secção 2) e a forma como dependem da interação entre a participação na educação e no mercado de trabalho (secção 3). Os indicadores referidos fazem parte da difusão trimestral de dados do Inquérito ao Emprego pelo INE.

Na secção 4, apresenta-se um indicador cuja difusão ao público se inicia neste trimestre: jovens não empregados que não estão em educação ou formação. Tratando-se de um indicador novo, faz-se acompanhar a sua divulgação pelo enquadramento conceptual respetivo e pela descrição da forma de cálculo, ao que se segue uma breve análise dos resultados para Portugal nos últimos anos.

2. As medidas do desemprego de jovens

A partir da informação recolhida pelo Inquérito ao Emprego, apresenta-se a seguir o modo de cálculo de alguns indicadores que permitem avaliar a magnitude do desemprego de jovens (considerando como jovens os indivíduos pertencentes ao grupo etário dos 15 aos 24 anos). Adicionalmente, explica-se o modo como a taxa de desemprego de jovens, o indicador mais frequentemente utilizado, é afetada pelas transições da educação para o mercado de trabalho, mais frequentes neste grupo etário.

A análise de dados subsequente permite quantificar dois elementos caracterizadores deste grupo etário. Em primeiro lugar, trata-se de um grupo muito heterogéneo, havendo uma proporção crescente, e de forma considerável, dos 15 para os 24 anos, de jovens que transitam da educação para o mercado de trabalho. Em segundo lugar, existe uma sobreposição entre a condição de ser estudante e a de participar no mercado de trabalho, maior do que em qualquer outro grupo etário. Estes elementos, tendo um efeito indireto nos indicadores do desemprego de jovens, como se explica a seguir, requerem uma correta interpretação das medidas mais comuns (como a taxa de desemprego de jovens) e a utilização de medidas complementares do desemprego de jovens.

No Inquérito ao Emprego, uma pessoa pode ser classificada numa de três condições perante o trabalho:

emprego, desemprego ou inatividade. Em Portugal, tal como na generalidade dos países da União Europeia, são utilizados os conceitos emanados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) para o emprego e o desemprego. Estes conceitos são descritos em detalhe no capítulo 4 desta publicação.

O indicador habitualmente utilizado para medir a magnitude do desemprego de jovens é a taxa de desemprego de jovens. Este indicador utiliza a mesma definição que é utilizada para qualquer outro grupo etário e é calculado dividindo o número de desempregados jovens pelo número de ativos jovens (pessoas que participam no mercado de trabalho ou que fazem parte da força de trabalho, seja como empregadas ou como desempregadas).

$$TD_{15-24} = \frac{PD_{15-24}}{PA_{15-24}} \times 100$$

$$PA_{15-24} = PE_{15-24} + PD_{15-24}$$

$$PT_{15-24} = PA_{15-24} + PI_{15-24}$$

em que:

TD_{15-24} : taxa de desemprego de jovens

PD_{15-24} : população desempregada jovem

PE_{15-24} : população empregada jovem

PA_{15-24} : população ativa jovem

PI_{15-24} : população inativa jovem

PT_{15-24} : população total jovem

Em Portugal, em 2012, residiam 1 128,3 mil jovens (10,6% da população residente total), dos quais 266,3 mil (23,6%) eram empregados, 161,0 mil (14,3%) eram desempregados – formando um total de 427,3 mil ativos (37,9%) – e 701,0 mil eram inativos (62,1%). Destes elementos resulta uma taxa de desemprego de jovens de 37,7% (Quadro 1 do anexo).

Uma vez que nem todos os jovens pertencem à população ativa, a taxa de desemprego de jovens não reflete a proporção de jovens no desemprego, mas a proporção de jovens ativos no desemprego. Com efeito, uma taxa de desemprego de jovens de 25% não significa que um em cada quatro jovens está desempregado, mas que um em cada quatro jovens ativos está desempregado. Importa ainda ter presente que a taxa de desemprego de jovens pode ser elevada mesmo que o número de desempregados jovens seja pequeno, caso a população ativa jovem (o denominador) seja relativamente diminuta, o que ocorre frequentemente uma vez que muitos jovens ainda não transitaram da população inativa para a população ativa. Esta particularidade não ocorre para outros grupos etários, nos quais a participação no mercado de trabalho (proporção de ativos na população total) é maior. Por exemplo, em 2012, apenas 37,9% da população jovem era ativa, enquanto na população adulta aquela

proporção era de 64,3% (88,6%, se a restringirmos ao grupo etário dos 25 aos 54 anos).

A proporção elevada de jovens inativos, em 2012 (62,1%), é explicada essencialmente pelo facto de muitos jovens ainda estarem a estudar em exclusivo e não serem, por isso, empregados nem desempregados. Mesmo entre os jovens, há diferenças substanciais dependendo da idade: a percentagem de pessoas a estudar decresce gradualmente com a idade, ao mesmo tempo que aumenta a percentagem dos que participam no mercado de trabalho, como se verá em maior detalhe na secção 3. A título de exemplo, em 2012, apenas 0,6% dos jovens de 15 anos faziam parte da população ativa. Aos 24 anos, aquela proporção era já de 77,7%.

Em sintonia com a prática recomendada pela OIT e em vigor no Eurostat para o *EU Labour Force Survey*, no Inquérito ao Emprego, a medida do emprego e do desemprego não exclui os estudantes só porque eles são estudantes. Isto significa que o facto de uma pessoa estar ou não a estudar não é relevante para a determinação da sua condição perante o trabalho e que, por essa razão, existe sobreposição entre a participação no mercado de trabalho e a participação em atividades de educação. No entanto, a participação da população como um todo na educação tem um efeito indireto nalguns indicadores do desemprego de jovens.

Um outro indicador sobre o desemprego de jovens analisado nas “Estatísticas do Emprego” é o rácio de desemprego de jovens⁴ (ou a proporção de desempregados jovens no total da população jovem). Este indicador é calculado dividindo o número de desempregados jovens (o mesmo numerador utilizado na taxa de desemprego de jovens) pelo número total de jovens (ativos ou inativos). Em consequência, a dimensão da população ativa jovem não influencia o indicador, o que não sucedia com a taxa de desemprego de jovens. Os valores obtidos para este indicador são sempre inferiores aos obtidos para a taxa de desemprego de jovens e a diferença é tanto maior quanto maior a proporção de jovens inativos.

$$RD_{15-24} = \frac{PD_{15-24}}{PT_{15-24}} \times 100$$

em que:

RD_{15-24} : rácio de desemprego de jovens

Em Portugal, em 2012, residiam 1 128,3 mil jovens, dos quais 161,0 mil eram desempregados, donde resulta um rácio de desemprego de jovens de 14,3%.

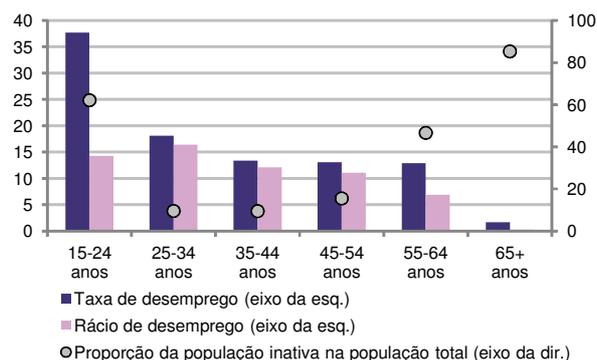
Como se pode concluir da comparação dos dois indicadores, o primeiro calcula a proporção de ativos jovens que estão desempregados (como na generalidade das taxas de desemprego), enquanto o segundo calcula a proporção do total de jovens (sejam ativos ou inativos) que estão desempregados. A

⁴ O Eurostat designa este indicador por “Youth unemployment ratio”.

diferença reside totalmente no denominador: trata-se do número de jovens ativos no primeiro indicador e do número total de jovens (ativos ou inativos) no segundo indicador. Como neste grupo etário a diferença entre a população ativa e a população total é mais elevada (e, portanto, maior o peso da população inativa) do que em qualquer outro grupo etário (com exceção do grupo etário dos 65 e mais anos), a diferença entre os dois indicadores também é a maior. Por exemplo, em 2012, verificava-se que (Gráfico 1):

1. No grupo etário dos 15 aos 24 anos, a taxa de desemprego era de 37,7% e o rácio de desemprego era de 14,3%. Neste grupo etário, 62,1% da população era inativa (e, note-se, 93,2% desses inativos eram estudantes).
2. No grupo etário dos 25 aos 34 anos, a taxa de desemprego era de 18,1% e o rácio de desemprego era já muito próximo da taxa de desemprego, de 16,4%. Neste grupo etário, apenas 9,5% da população era inativa (e 41,5% desses inativos eram estudantes).
3. Nos grupos etários seguintes (35 a 44 anos; 45 a 54 anos; 55 a 64 anos; 65 e mais anos), a taxa de desemprego e o rácio de desemprego são menores do que nos grupos etários precedentes e decrescentes com a idade. Além disso, as diferenças entre os dois indicadores são pequenas, apesar de crescentes com a idade (agora em virtude do aumento do peso da população inativa na população total motivado pelas transições para a reforma).

Gráfico 1: Indicadores de desemprego e proporção da população inativa na população total por grupo etário, 2012 (%)



Em conclusão, a taxa de desemprego de jovens, de 37,7%, revela que quase quatro em cada dez jovens residentes em Portugal estavam desempregados em 2012, enquanto o rácio de desemprego de jovens, de 14,3%, revela que mais do que um em cada dez jovens estavam desempregados.

Para complementar estas análises podem ainda ser utilizados dois indicadores adicionais: 1) o rácio entre a taxa de desemprego de jovens e a taxa de desemprego

de adultos; e 2) a proporção de desempregados jovens no total de desempregados.⁵ Em 2012, em Portugal, estes indicadores eram de 2,7 e 18,7%, respetivamente.

Comparação com outros países da União Europeia

Em 2012, entre os 28 países da União Europeia, Portugal ocupava o quarto lugar em termos da taxa de desemprego de jovens, a seguir à Grécia (55,3%), à Espanha (53,2%) e à Croácia (43,0%), situando-se também acima da média da União Europeia (23,0%) (Gráfico 2). Os países com menores taxas de desemprego de jovens eram a Alemanha (8,1%), a Áustria (8,7%) e a Holanda (9,5%).

Em termos do rácio de desemprego de jovens (proporção de desempregados jovens na população total jovem), Portugal ocupava o terceiro lugar, a seguir à Espanha (20,6%) e à Grécia (16,1%), e também se situava bastante acima da média Europeia (9,7%) (Gráfico 3). Os países com menores rácios de desemprego de jovens eram a Alemanha (4,1%), o Luxemburgo (5,0%) e a Áustria (5,2%).

Adicionalmente, entre os países da União Europeia, Portugal pertence ao grupo dos que, juntamente com a Espanha, a Irlanda e a Grécia, apresentavam simultaneamente, em 2012:

- Um rácio de desemprego de jovens e uma taxa de desemprego de jovens relativamente elevados e superiores à média da União Europeia: 14,3% e 37,7%, em Portugal, contra 9,7% e 23,0%, na União Europeia.
- Uma proporção de jovens ativos que se encontram a estudar relativamente baixa, quando comparada com a de países como a Holanda, a Dinamarca e, em menor grau, a Áustria, a Alemanha e a Finlândia (nos quais existe uma tradição dos estudantes terem empregos de curta duração e a tempo parcial, sobretudo nos meses do verão) e inferiores à média da União Europeia: 10,1% em Portugal para cerca de 14% na União Europeia.

As diferenças existentes entre os vários países resultam, entre outros fatores, do papel que o sistema de educação desempenha e, em particular, da existência de educação de natureza vocacional e de esquemas de aprendizagem mais facilitadores da transição da escola para o mercado de trabalho.

⁵ Estes dois indicadores, juntamente com a taxa de desemprego de jovens e a proporção de desempregados jovens na população total jovem, fazem parte do 10º indicador proposto pela OIT para análise do mercado de trabalho, na publicação *Key Labour Market Indicators* (KILM), cuja última edição é de 2011.

Gráfico 2: Taxa de desemprego de jovens (15-24 anos) por país da União Europeia, 2012 (%)

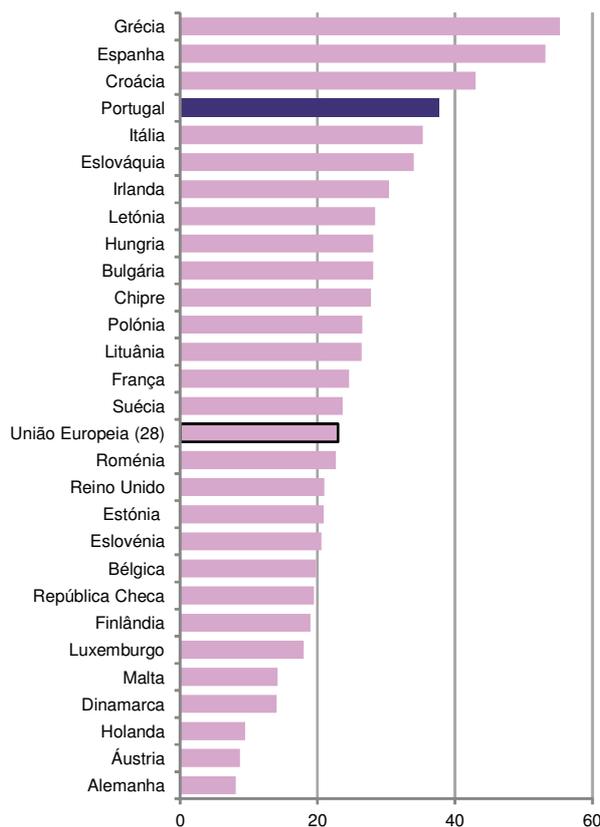
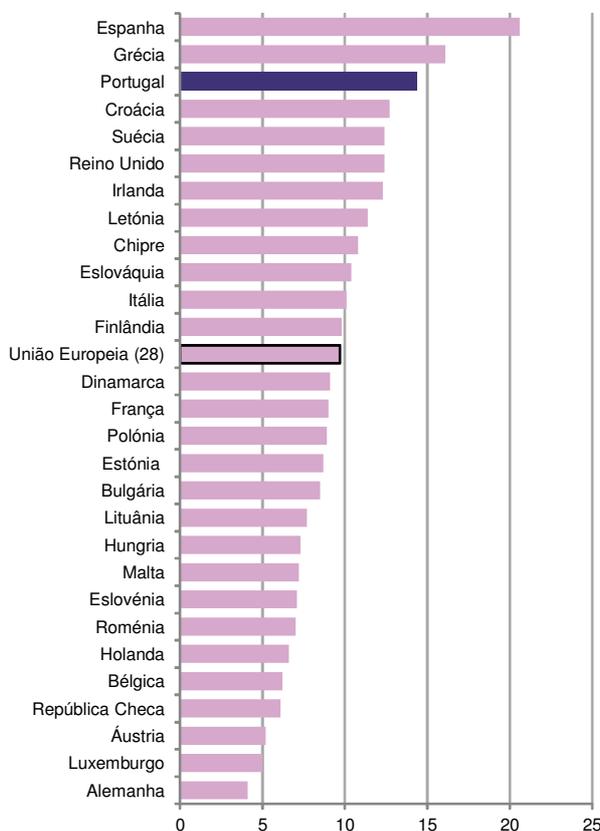


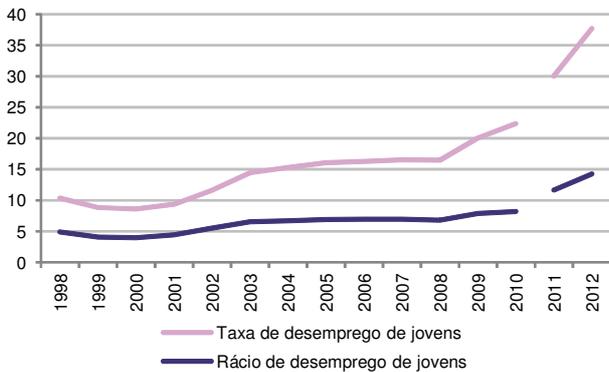
Gráfico 3: Rácio de desemprego de jovens (15-24 anos) por país da União Europeia, 2012 (%)



O desemprego de jovens nos últimos 14 anos

Em Portugal, tanto a taxa de desemprego de jovens como o rácio de desemprego de jovens têm aumentado, de forma mais ou menos continuada, desde 1998 (Gráfico 4). O rácio de desemprego de jovens registou uma evolução próxima da taxa de desemprego, mas menos acentuada nos últimos anos.

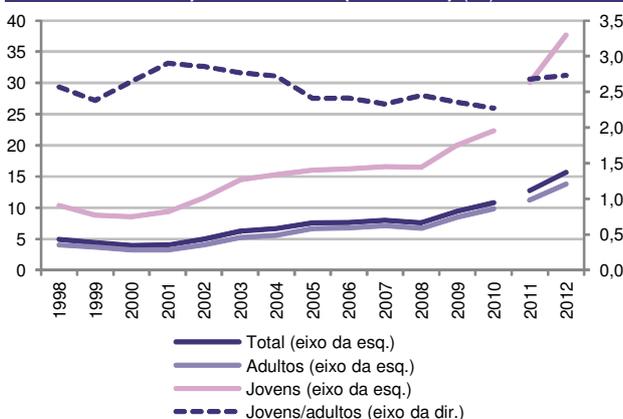
Gráfico 4: Taxa de desemprego de jovens (15-24 anos) e rácio de desemprego de jovens (15-24 anos) (%)



A atual crise económica e financeira e as políticas de correção orçamental levadas a cabo por vários países da União Europeia contribuíram para o aumento do desemprego de forma substancial, aumento esse que se fez refletir quer na taxa de desemprego de jovens quer na taxa de desemprego de adultos (Gráfico 5).

Com efeito, o rácio entre as duas taxas, que diminuiu de forma continuada entre 2001 e 2010 (de 2,9 para 2,3), até diminuiu ligeiramente entre 2008 e 2010 (de 2,5 para 2,3). A crise económica e financeira parece assim ter atingido os jovens desempregados de forma idêntica aos desempregados de outros grupos etários. Nos anos de 2011 e de 2012, o rácio entre as duas taxas situou-se em 2,7.

Gráfico 5: Taxa de desemprego total, de jovens (15-24 anos) e de adultos (25+ anos) (%)



De seguida, analisa-se também o modo como a duração do desemprego se relaciona com a idade dos desempregados e em que medida essa relação terá sido

afetada pela crise. Da análise das séries anuais da duração média do desemprego por grupo etário, pode concluir-se que:

- Ao contrário do que sucedia com a taxa de desemprego, a duração do desemprego aumenta com a idade (Gráfico 6). Em 2012, a duração média do desemprego de jovens era de 13 meses, a de jovens adultos (25 a 34 anos) era de 22 meses, e assim sucessivamente até atingir 36 meses no caso do grupo etário dos 55 aos 64 anos e 49 meses no dos 65 e mais anos.
- A duração média do desemprego desceu de 1998 a 2002 e aumentou desde 2003, tanto para o total de desempregados, como para os jovens e os adultos (Gráfico 7). O diferencial entre as durações observadas em cada grupo também aumentou desde 2003.
- Em todos os casos, trata-se de durações médias relativamente longas: próximas dos dois anos no caso dos jovens adultos, excedendo-se este limiar no caso dos grupos etários subsequentes.

Gráfico 6: Duração média do desemprego por grupo etário, 2012 (meses)

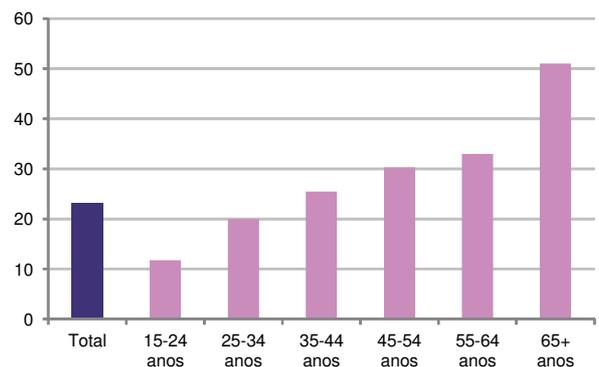
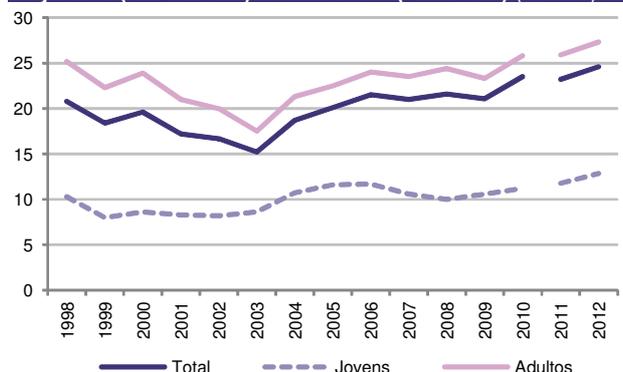


Gráfico 7: Duração média do desemprego total, de jovens (15-24 anos) e de adultos (25+ anos) (meses)



Não obstante a evolução observada no desemprego de jovens ter sido próxima da de outros grupos etários, o desemprego de jovens não deixa de ser preocupante. Com efeito, trata-se de um conjunto de pessoas que veem adiada a sua entrada no mercado de trabalho e a

possibilidade de começarem a formar as suas carreiras profissionais e contributivas. Acresce que episódios de desemprego, de maior ou menor duração, fases precoces da vida tendem a deixar marcas. Ao nível agregado da economia, também há perdas a registar, como a subutilização de recursos e a emigração de mão de obra jovem que não consegue aceder a um emprego no país.

3. A interação entre a participação dos jovens na educação e no mercado de trabalho

Na secção anterior compararam-se algumas medidas utilizadas frequentemente na avaliação da magnitude do desemprego de jovens. Nesta secção analisa-se a interligação existente entre a participação em educação e a participação no mercado de trabalho dos jovens e em que medida essa interligação afeta a interpretação dos indicadores mencionados.

Como foi referido, a diferença existente entre a taxa de desemprego de jovens e o rácio de desemprego de jovens é totalmente explicada pela grande proporção de jovens inativos, que é típica deste grupo etário – essencialmente jovens que ainda se encontram a estudar em exclusivo e que ainda não transitaram para o mercado de trabalho.

Também foi referido que estar a estudar e pertencer à força de trabalho (empregado ou desempregado) pode ocorrer em simultâneo, existindo alguma sobreposição entre as duas condições.⁶ Esta sobreposição é muito mais frequente entre os jovens, por se encontrarem em processo de transição da escola ou da universidade para a vida ativa, e vai diminuindo de intensidade com a idade.

Assim, uma pessoa que esteja a estudar pode ser, simultaneamente, classificada numa das três condições perante o trabalho: emprego, desemprego ou inatividade. O mesmo sucede para os não estudantes. De seguida são apresentados alguns exemplos.

1. **Empregado–estudante:** um estudante que desenvolve, em simultâneo, uma pequena atividade (de algumas horas por semana) remunerada é também classificado como empregado; um empregado que participa marginalmente em atividades de educação (em formação profissional ocasional ou como estudante pós-laboral para a obtenção de um diploma) é também estudante.

Note-se que educação e trabalho podem decorrer em momentos diferentes do ano (por exemplo, estudantes que alternam entre um curso

universitário e um trabalho de verão; neste caso, são empregados apenas no verão) ou em paralelo (por exemplo, estudantes que trabalham nos fins-de-semana ou após o dia de estudos; neste caso são empregados todo o ano). Por fim, importa salientar que no Inquérito ao Emprego os estagiários só são classificados como empregados se receberem uma remuneração, podendo estar ou não a estudar.

2. **Desempregado–estudante:** um estudante que não trabalha, mas que indica estar ativamente à procura de um trabalho e disponível para trabalhar num período pré-definido, é também classificado como desempregado.

3. **Inativo–estudante:** uma pessoa que está a estudar e que, de acordo os conceitos em vigor no Inquérito ao Emprego, não é considerada nem empregada nem desempregada, é considerada economicamente inativa.

Os casos referidos nos pontos 1 e 2 configuram as situações de sobreposição entre estar a estudar e participar no mercado de trabalho. Em termos da condição perante o trabalho (empregado, desempregado e inativo), no entanto, não há qualquer sobreposição.

Da análise dos resultados relativos a 2012 para Portugal, desagregados nas seis categorias referidas, é possível concluir que (Quadro 2 do anexo):

- 427,3 mil jovens (15 a 24 anos) eram ativos, dos quais:
 - 113,4 mil eram estudantes (26,5%).
 - 313,9 mil não eram estudantes (73,5%).
- 266,3 mil jovens eram empregados, dos quais:
 - 64,2 mil eram estudantes (24,1%).
 - 202,1 mil não eram estudantes (75,9%).
- 161,0 mil jovens eram desempregados, dos quais:
 - 49,3 mil eram estudantes (30,6%).
 - 111,7 mil não eram estudantes (69,4%).
- 701,0 mil jovens eram inativos, dos quais:
 - 653,3 mil eram estudantes (93,2%).
 - 47,7 mil não eram estudantes (6,8%).

No grupo etário imediatamente a seguir (jovens adultos; 25 a 34 anos), não só as proporções de ativos e de inativos na população total trocam de posição (passando a de ativos de 37,9% para 90,5% e a de inativos de 62,1% para 9,5%), como a proporção de estudantes em cada estado diminui: no caso dos empregados, a proporção de estudantes passa de 24,1% para 14,8%; no caso dos desempregados, passa de 30,6% para 18,9% (no caso dos ativos, passa de 26,5% para 15,6%); e no caso dos inativos, passa de 93,2% para 41,5%.

⁶ No Inquérito ao Emprego, a participação em educação é medida pela participação em atividades de educação formal ou não formal (formação) nas 4 semanas anteriores à semana de referência da entrevista. As perguntas correspondentes são dirigidas a todas as pessoas com 15 e mais anos, independentemente de terem sido classificadas como empregadas, desempregadas ou inativas.

Mesmo dentro do grupo etário dos 15 aos 24 anos, existe uma grande heterogeneidade, assistindo-se a situações muito diferenciadas para as pessoas com 15 anos e para aquelas com 24 anos.

Segundo os resultados relativos a 2012, a quase totalidade dos jovens com 15 anos ainda se encontravam a estudar (99,6%). À medida que envelhecem, muitos jovens transitam para o mercado de trabalho, tornando-se empregados ou desempregados, enquanto outros permanecem fora da força de trabalho. Como nem todos os jovens fazem esta transição com a mesma idade, assiste-se a um crescimento gradual na participação dos jovens no mercado de trabalho.

Em paralelo, verifica-se um decréscimo da proporção de jovens a estudar. O ritmo da conclusão dos estudos não é igual ao ritmo da entrada no mercado de trabalho, uma vez que existe um conjunto de pessoas que se encontram simultaneamente a estudar e no mercado de trabalho. Esta sobreposição de situações (na educação e laboral), que pode ocorrer em qualquer idade, é mais frequente entre os mais novos, para quem são também mais frequentes as transições da educação para o mercado de trabalho.

O Gráfico 8.a ilustra a proporção de jovens a estudar (estudantes) e/ou a participar no mercado de trabalho (como empregados ou desempregados), por idade ano a ano, para o grupo dos 15 aos 34 anos (alargou-se o limite etário superior, de modo a tornar mais clara a forma gradual como se opera a transição para o mercado de trabalho, que não se esgota aos 24 anos). A proporção de estudantes em cada uma das três condições perante o trabalho está assinalada em vários tons de cinzento. A proporção de pessoas que não se encontravam a estudar em cada uma das condições perante o trabalho está assinalada em vários tons de rosa. Consideraram-se três condições perante o trabalho (empregado, desempregado e inativo), separadamente para estudantes e não estudantes.

Dos resultados da análise deste gráfico, destacam-se os seguintes:

- Existe um crescimento rápido e acentuado na participação no mercado de trabalho (como empregado ou desempregado), de 0,6% aos 15 anos para 77,7% aos 24 anos (e 92,0% aos 34 anos). Esta evolução dá conta da heterogeneidade associada à média observada de participação do grupo etário dos 15 aos 24 anos (37,9%) ou dos 15 aos 34 anos (67,5%) e explica também a diferença entre a taxa de desemprego de jovens e o rácio de desemprego de jovens apresentados na secção anterior. Esta característica é específica deste grupo etário e não tem paralelo noutros grupos (com exceção da redução da participação no grupo etário dos mais velhos, por ocasião da transição para a reforma).

- Muitos jovens entram no mercado de trabalho ainda antes de terminarem os seus estudos ou prolongam-nos após terem iniciado a sua vida ativa. Isto significa que algumas pessoas estão simultaneamente no mercado de trabalho e a estudar. A transição da educação para o mercado de trabalho não é uma simples alteração de estado mas um processo complexo e gradual, que combina sobreposição de diferentes situações e que ocorre em momentos da vida diferentes para diferentes pessoas.⁷

O Gráfico 8.b apresenta a mesma informação para o ano de 2004 (ano a partir do qual as questões sobre a educação e a formação permaneceram inalteradas no Inquérito ao Emprego).

A comparação dos gráficos relativos a 2004 e a 2012 permite concluir que:

- A proporção de jovens de uma determinada idade a estudar aumentou, entre 2004 e 2012, o que significa que os jovens permanecem mais tempo a estudar antes de entrarem para o mercado de trabalho e que uma proporção acrescida regressa à (ou permanece na) educação depois de entrar para o mercado de trabalho.
- A proporção de empregados e de desempregados a estudar aumentou gradualmente. Em conjunto, estes movimentos explicam o aumento da proporção de pessoas que se encontram simultaneamente no mercado de trabalho e a estudar. Parte deste fenómeno pode ser devido ao aumento do número de desempregados que retornam (ou permanecem) à (na) escola, embora mantenham a atenção direcionada para a procura de um emprego. A grande alteração, no entanto, verifica-se no aumento do número de jovens desempregados que não estão a estudar, à custa da diminuição do número de jovens empregados que não estão a estudar.

A evolução de 2004 para 2012 processou-se de forma gradual de ano para ano (gráficos não reproduzidos aqui), isto é, não foi decorrente essencialmente nem da crise económica e financeira iniciada em 2008, nem da quebra de série do Inquérito ao Emprego ocorrida em 2011.

⁷ A este propósito, consultar Neves e Lima (2010).

Gráfico 8.a: Estrutura da população dos 15 aos 34 anos estudante e não estudante por idade e condição perante o trabalho, 2012

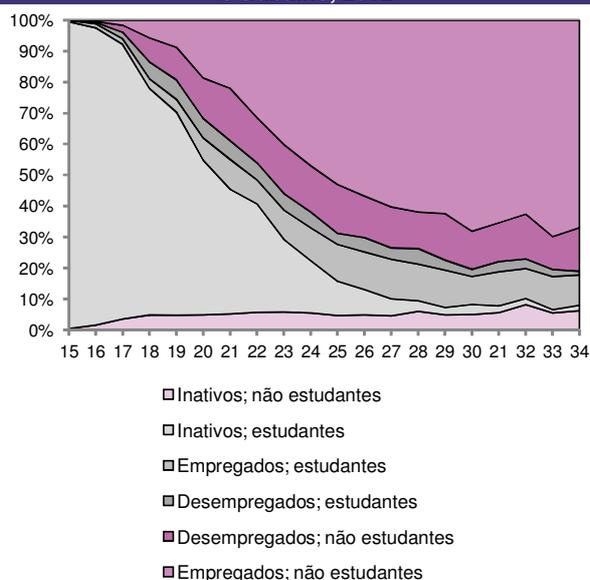
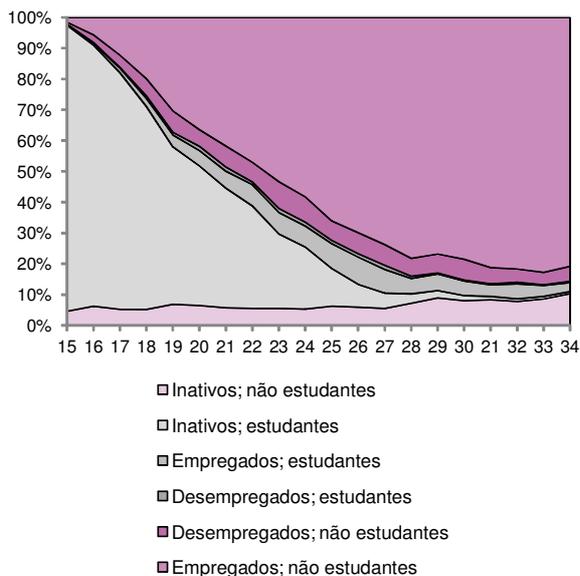


Gráfico 8.b: Estrutura da população dos 15 aos 34 anos estudante e não estudante por idade e condição perante o trabalho, 2004



4. Os jovens não empregados que não estão em educação ou formação

A simples dicotomia entre emprego e desemprego e, conseqüentemente, a análise dos indicadores tradicionais como a taxa de emprego e a taxa de desemprego, pode não ser suficiente para medir a magnitude e caracterizar a situação dos jovens no mercado de trabalho. Este grupo etário percorre um conjunto de etapas na transição da escola para o trabalho, as quais envolvem processos de tentativa e erro e sobreposição de situações, tornando as transições menos suaves, sobretudo em momentos de turbulência.

Neste sentido, um conjunto considerável de utilizadores (governantes da União Europeia, investigadores, organizações nacionais e organizações internacionais) começaram a utilizar o indicador “Jovens não empregados que não estão em educação ou formação” para medir, caracterizar e acompanhar a evolução da vulnerabilidade dos jovens face ao mercado de trabalho e à educação em simultâneo.

No contexto da Estratégia Europa 2020, a Comissão Europeia introduziu um indicador novo – a taxa de *NEET* (*Young people Neither in Employment nor in Education and Training* – na designação em inglês) – para acompanhar a situação social e no mercado de trabalho daqueles jovens e facilitar a comparação entre Estados-Membros. Este indicador destinar-se-ia a ser analisado em conjunto com a taxa de desemprego de jovens e o rácio de desemprego de jovens.

Nesta secção, apresenta-se o indicador NEEF (Jovens Não Empregados que não estão em Educação ou Formação) e discute-se a sua operacionalização a partir da informação do Inquérito ao Emprego. De seguida, apresentam-se as séries de dados sobre NEEF que o INE passa a disponibilizar trimestral e anualmente. Por fim, dado tratar-se de informação nova, faz-se uma análise da dimensão do fenómeno em Portugal, bem como uma breve caracterização demográfica nos últimos anos (1998 a 2012), e procede-se ao confronto com outros países da União Europeia (2012).

A definição proposta pelo *Indicators Group* (*European Commission, DG EMPL*) do *Employment Committee* (EMCO) indica que o grupo dos NEEF inclui os jovens (dos 15 aos 24 anos) que não estão empregados nem estão a estudar ou em formação. Assim, trata-se do conjunto de indivíduos desempregados ou inativos (de acordo com as definições OIT) que não estão a estudar ou em formação. Esta definição foi entretanto adotada pelo Eurostat e o indicador taxa de *NEET* passou a ser divulgado anualmente, de forma harmonizada para todos os Estados-Membros, com base na informação do *EU Labour Force Survey*. Em termos operacionais, este indicador é definido da seguinte forma:

NEEF: conjunto de indivíduos jovens de um determinado grupo etário* que, no período de referência, não estavam empregados (isto é, estavam desempregados ou eram inativos), nem frequentavam qualquer atividade de educação ou formação ao longo de um período específico (no período de referência ou nas três semanas anteriores).

Taxa de NEEF: taxa que permite definir a relação entre a população de jovens de um determinado grupo etário* não empregados que não estão em educação ou formação e a população total de jovens do mesmo grupo etário.

* Em geral, consideram-se como jovens os indivíduos dos 15 aos 24 anos, mas este indicador também é

disponibilizado para grupos etários mais alargados e subgrupos destes (ex.: 15 a 34 anos ou 15 a 30 anos).

A taxa de NEEF convencional reporta ao grupo etário dos 15 aos 24 anos e é calculada da seguinte forma:

$$TNEEF_{15-24} = \frac{NEEF_{15-24}}{PT_{15-24}} \times 100$$

Estes indicadores (número e taxa de NEEF) estão disponíveis, no Portal das Estatísticas Oficiais, desde o 1º trimestre de 1998 (valores trimestrais e médias anuais) por sexo, grupo etário (15 a 34 anos; 15 a 24 anos; 15 a 19 anos; 20 a 24 anos; 25 a 34 anos; 25 a 29 anos; 30 a 34 anos), nível de escolaridade completo (até ao básico – 3º ciclo; secundário e pós-secundário; superior), região NUTS II (Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma da Madeira e Região Autónoma dos Açores) e condição perante o trabalho (desempregado; inativo), para as duas últimas séries de dados do Inquérito ao Emprego: série 1998 (de 1998 a 2010) e série 2011 (iniciada em 2011).

Taxa de NEEF vs. taxa de desemprego de jovens e rácio de desemprego de jovens

Os indicadores taxa de NEEF, taxa de desemprego de jovens e rácio de desemprego de jovens são relacionados, mas comportam diferenças que convém assinalar.

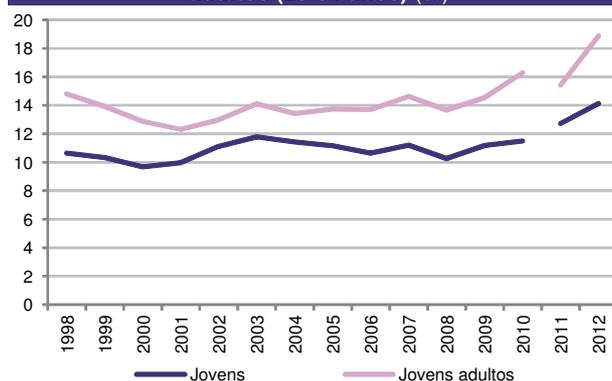
A taxa de desemprego de jovens permite definir a relação entre a população desempregada jovem e a população ativa jovem, sendo que o estar ou não a estudar (ou em formação) não é relevante.

O rácio de desemprego de jovens permite definir a relação entre a população desempregada jovem e a população total jovem (ativa ou inativa), sendo que também aqui o estar ou não a estudar (ou em formação) não é relevante. A taxa de desemprego e o rácio de desemprego têm o mesmo numerador, mas denominadores diferentes.

A taxa de NEEF permite definir a relação entre a população não empregada (desempregada ou inativa) que não está a estudar (ou em formação) e a população total jovem. Tem o mesmo denominador do rácio de desemprego de jovens e tem numerador e denominador diferentes dos da taxa de desemprego de jovens, como se ilustra no diagrama do anexo (no qual constam também as estimativas para 2012 para Portugal).

Em 2012, o número de NEEF em Portugal era de 159,5 mil indivíduos e a taxa de NEEF de 14,1% (Gráfico 9 e Quadros 4 e 5 do anexo). Em 2011, o número tinha sido de 145,5 mil e a taxa de 12,7%. Nos últimos 14 anos, não se observa uma tendência clara nestes dois indicadores, com exceção do período iniciado em 2008, no qual aumentou o número e a taxa de NEEF (eram de, respetivamente, 125,4 mil e 10,3%, em 2008).

Gráfico 9: Taxa de NEEF: jovens (15-24 anos) e jovens adultos (25-34 anos) (%)



De seguida faz-se uma breve caracterização dos NEEF por grupo etário, sexo, nível de escolaridade completo, região NUTS II e condição perante o trabalho (Quadros 3, 4 e 5 do anexo). Também se procede à comparação com outros países da União Europeia.

Subgrupo etário dos 20 aos 24 anos dominante e crescente nos NEEF nos últimos anos

A taxa de NEEF para o subgrupo dos 15 aos 19 anos é substancialmente menor do que para o subgrupo dos 20 aos 24 anos. Em 2012, a proporção de jovens dos 15 aos 19 que eram NEEF era de 7,3% e a de jovens dos 20 aos 24 anos era de 20,4%. Àquelas taxas correspondiam 39,6 mil e 119,8 mil pessoas, respetivamente (24,9% e 75,1% do total de NEEF).

As diferenças entre as taxas específicas daqueles dois subgrupos etários existem desde 1998, mas foram aumentando sistematicamente desde 2006 (quando a diferença era de 4,1 p.p.).

Ao longo do período em análise, observa-se globalmente um aumento da taxa de NEEF para o subgrupo dos 20 aos 24 anos a partir de 2000 e um decréscimo da taxa de NEEF para o subgrupo dos 15 aos 19 anos a partir de 2003 (possivelmente devido ao aumento da participação no ensino das camadas mais jovens). Este efeito, contudo, não impediu o aumento da taxa de NEEF total, sobretudo a partir de 2008 (de 10,3%, em 2008, para 14,1%, em 2012).

A composição etária dos NEEF variou ao longo do período analisado, tendo a proporção dos mais jovens (15 a 19 anos) diminuído (cerca de 12 p.p. entre 1998 e 2012) e a proporção dos mais velhos (20 a 24 anos) aumentado (também cerca de 12 p.p.).

Aumento substancial de homens NEEF nos últimos anos

Em 2012, a taxa de NEEF para os homens era maior do que para as mulheres: a proporção de homens dos 15 aos 24 que eram NEEF era de 14,8% e a de mulheres

era de 13,5%. Àquelas taxas correspondiam 84,9 mil e 74,5 mil pessoas, respetivamente (53,3% e 46,7% do total de NEEF).

De 1998 a 2011, no entanto, são as mulheres que apresentam maiores taxas de NEEF, observando-se também um aumento muito ligeiro da taxa de NEEF para as mulheres e um aumento substancial da taxa de NEEF para os homens a partir de 2008.

A composição por sexo dos NEEF variou ao longo do período analisado, tendo a proporção de mulheres diminuído e a proporção de homens aumentado, sobretudo nos últimos anos.

Níveis de escolaridade mais altos sobre representados e com maior crescimento

Ser NEEF afeta toda a população jovem, independentemente do seu nível de escolaridade. No entanto, em termos da estrutura percentual, espelhando o que sucede para a população jovem como um todo, os níveis de escolaridade mais baixos são dominantes. Em 2012, 83,1 mil NEEF tinham completado, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico, 59,2 mil o ensino secundário e pós-secundário e 17,2 mil o ensino superior (52,1%, 37,1% e 10,8% do total de NEEF, respetivamente).

Não obstante, em 2012, a taxa de NEEF para os indivíduos que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico, era de 13,3%, valor inferior ao observado para os indivíduos que completaram o ensino secundário e pós-secundário (14,4%) e o ensino superior (19,1%). O facto de estes dois últimos grupos terem taxas de NEEF superiores à média global (14,1%) indica que os níveis de escolaridade mais altos estão relativamente mais concentrados nos NEEF do que na população como um todo (sobre representados).

Ao longo do período analisado, observa-se uma relativa estabilidade na taxa de NEEF para o primeiro nível de escolaridade indicado, um acréscimo global para o secundário e pós-secundário, sobretudo a partir de 2008, e um comportamento mais irregular no caso do ensino superior (embora com um aumento significativo de 2011 para 2012).

A composição por nível de escolaridade completo dos NEEF variou ao longo do período analisado, tendo a proporção das pessoas que completaram, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico diminuído e a proporção das que completaram o ensino secundário e pós-secundário e o ensino superior aumentado (sobretudo no primeiro caso).

Diferenças regionais assinaláveis

Em 2012, a taxa de NEEF era superior à média nacional na Região Autónoma da Madeira (22,4%), na Região Autónoma dos Açores (22,3%), no Alentejo (15,4%), em Lisboa (15,3%) e no Algarve (14,2%), o que indica uma

sobre representação destas regiões nos NEEF. Abaixo da média situaram-se as regiões Norte (12,6%) e Centro (12,9%).

Ao longo do período analisado, destaca-se apenas a tendência crescente nas taxas de NEEF do Algarve e da Região Autónoma da Madeira. Entre 2011 e 2012, a taxa aumentou em todas as regiões, com exceção do Algarve, onde diminuiu 2,1 p.p.. O maior aumento ocorreu no Alentejo e foi de 0,4 p.p..

Proporção crescente de desempregados

Em 2012, a taxa de NEEF para os desempregados era muito maior do que para os inativos. Com efeito, a proporção de NEEF desempregados dos 15 aos 24 era de 69,4% e a de NEEF inativos do mesmo grupo etário era de 4,9%. Àquelas taxas correspondiam 111,7 mil e 47,7 mil pessoas, respetivamente (70,1% e 29,9% do total de NEEF, respetivamente).

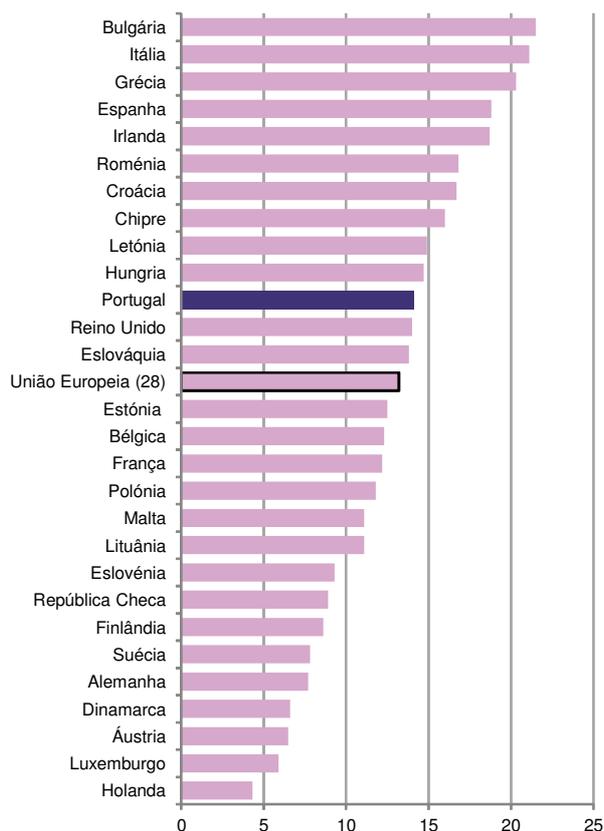
Ao longo do período de 1998 a 2012, o número de NEEF desempregados apresenta uma tendência ascendente (eram 60,2 mil em 1998; 36,6% do total de NEEF) e o de NEEF inativos uma tendência descendente (eram 104,2 mil em 1998; 63,4%). Em 2004, a proporção de NEEF desempregados excedeu, pela primeira vez, a de NEEF inativos e a diferença entre estas proporções foi aumentando progressivamente até 2012.

De 1998 a 2011, observa-se globalmente uma manutenção na taxa de NEEF desempregados e uma diminuição na taxa de NEEF inativos. Entre 2011 e 2012, ambas diminuíram.

Comparação com outros países da União Europeia

Em 2012, estimavam-se para a União Europeia (28 países) 7,5 milhões de jovens dos 15 aos 24 anos e mais 6,7 milhões de jovens dos 25 aos 29 anos excluídos do mercado de trabalho (enquanto empregados) e da educação e formação, aos quais correspondiam taxas de NEEF de 13,2% e 20,6%, respetivamente. Estas taxas aumentaram substancialmente face a 2008, quando tinham sido de 11% e 17%, respetivamente.

A taxa de NEEF varia muito de país para país (Gráfico 10). A Holanda, o Luxemburgo, a Áustria e a Dinamarca têm as taxas de NEEF mais baixas (menos de 7%). A Bulgária, a Itália, a Grécia, a Espanha e a Irlanda têm as taxas mais altas (acima de 18%). Nestes países, cerca de um em cada cinco jovens estão afastados do mercado de trabalho (enquanto empregados) e da educação e formação.

Gráfico 10: Taxa de NEEF (15-24 anos) por país da União Europeia, 2012 (%)

A dimensão e as características dos NEEF também variam muito de país para país na União Europeia. Com base em dados relativos a 2011, a *European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions* (Eurofound, 2012) identificou quatro *clusters* diferentes de países de acordo com um conjunto de características dos NEEF. Portugal ficou classificado no *cluster* 3, juntamente com países como a Estónia, a Letónia, a Lituânia e a Espanha (países em que a taxa de desemprego de jovens duplicou ou triplicou desde o início da atual crise económica e financeira). Este *cluster* caracteriza-se essencialmente pelo seguinte:

- Taxa de NEEF acima da média da União Europeia (no caso de Portugal, a taxa de NEEF em 2012 foi superior à da União Europeia apenas em 0,9 p.p.; em 2011, aquela taxa tinha até sido inferior à da União Europeia, em 0,2 p.p.).
- Maior proporção de NEEF em situação de desemprego (no caso de Portugal, esta proporção foi de 64,5% em 2011, tendo sido de 51,2% na União Europeia; em 2012, foi de 70,1%).
- Taxa de NEEF superior para os homens (no caso de Portugal, o valor da taxa para os homens foi inferior ao das mulheres em 2011, em 0,8 p.p., mas foi superior ao das mulheres em 2012, em 1,3 p.p.).
- Taxa de NEEF resultante essencialmente do aumento do desemprego associado à crise (no caso de Portugal, a proporção de desempregados foi

crescendo desde 1999, tendo-se situado acima de 50% após 2004).

- Uma parte substancial dos NEEF têm um nível de escolaridade relativamente elevado, o que revela um problema estrutural que dificulta a transição da educação para o mercado de trabalho dos mais qualificados. No caso de Portugal, 9,0% dos NEEF tinham completado o ensino superior em 2011 e 10,8% em 2012. Apesar de esta proporção descrever uma tendência crescente e de ser relativamente elevada, quando comparada com a observada para o total de jovens – 8,0%, em 2012 – ela é, ainda assim, uma proporção baixa.

Os jovens adultos NEEF (25 a 34 anos)

Estendendo a análise ao grupo dos jovens adultos (25 a 34 anos), de modo a captar as transições para o mercado de trabalho dos estudantes que se graduam após completarem 24 anos, verifica-se que (Quadros 3, 6 e 7 do anexo):

- Em 2012, o número jovens adultos NEEF era maior do que o de jovens NEEF (275,4 mil, o que corresponde a 63,3% do total de NEEF dos 15 aos 34 anos) e aumentou face a 2011 (quando tinha sido de 236,5 mil).
- A taxa de NEEF era maior neste grupo etário (18,9%) e também aumentou face a 2011 (tinha sido de 15,4%).
- A composição sociodemográfica dos jovens adultos NEEF em 2012, por sexo, idade, nível de escolaridade completo, região de residência e condição perante o trabalho, apresenta algumas diferenças face à dos jovens NEEF, nomeadamente no que se refere ao predomínio de mulheres e à sobre representação do nível de escolaridade mais baixo (Quadro 3).
- A evolução de 1998 a 2012 revela uma trajetória idêntica da taxa de NEEF dos dois grupos etários, com uma tendência, pouco pronunciada, para o aumento do diferencial entre elas (Gráfico 9).

Notas finais

Pode concluir-se que os NEEF são uma população muito heterogénea e que esta heterogeneidade é tanto maior quanto maior o âmbito etário considerado, compreendendo subgrupos de pessoas com diferentes graus de vulnerabilidade. A vulnerabilidade decorre da não acumulação de capital humano pelos canais tradicionais e, simultaneamente, da acumulação de desvantagens no mercado de trabalho. Estas circunstâncias elevaram os NEEF ao debate político na União Europeia, com expressão na Estratégia Europa 2020.

O conceito de NEEF tem também subjacente uma definição estática, que está ancorada no período de referência utilizado na operacionalização dos restantes conceitos do Inquérito ao Emprego quando, na verdade, se trata de um conceito de natureza dinâmica. Importa, pois, conhecer quantos NEEF se mantêm muito tempo nessa situação e quais as suas características, bem como a taxa à qual se processam as transições de e para a situação de NEEF. Este tema será abordado no “Tema em análise” da publicação “Estatísticas do Emprego – 4º trimestre de 2013”, a disponibilizar em fevereiro de 2014.

Por fim, trata-se de um indicador que, tal como o desemprego, tem natureza sazonal. No entanto, ao contrário daquele, também as características dos NEEF variam de estação para estação. No verão, o grupo dos NEEF é maior e a sua composição dominada por jovens inativos e mais qualificados que terminaram os seus estudos. No inverno, o grupo dos NEEF é menor e a sua composição dominada por jovens menos qualificados que se tornaram desempregados há algum tempo. Neste artigo, optou-se por fazer uma análise das principais tendências, sobre dados anuais. No entanto, as séries trimestrais correspondentes, que permitem avaliar comportamentos sazonais, estão também disponíveis.

5. Bibliografia

Eurofound. 2012. *NEETs – Young people not in employment, education or training: Characteristics, costs and policy responses in Europe*. Publications Office of the European Union, Luxemburgo.

Eurostat. 2013. “Youth unemployment”, *Statistics Explained*. Eurostat, Luxemburgo.

Eurostat. 2013. “Participation of young people in education and the labour market”, *Statistics Explained*. Eurostat, Luxemburgo.

Neves, Susana e Francisco Lima. 2010. “Transição escolar – Mercado de trabalho: duração da procura do 1º emprego”, *Estatísticas do Emprego – 2º trimestre de 2010*. INE, Portugal.

6. Anexo

Quadro 1: Indicadores do desemprego de jovens (15-24 anos) e de adultos (25+ mais anos), 2012

	Total	Jovens (15-24 anos)	Adultos (25+ anos)
População total (milhares de indivíduos)	10 600,0	1 128,3	7 883,2
População ativa	5 494,8	427,3	5 067,5
População empregada	4 634,7	266,3	4 368,4
População desempregada	860,1	161,0	699,1
População inativa	5 105,2	701,0	2 815,7
População total (%)	100,0	100,0	100,0
População ativa	51,8	37,9	64,3
População empregada	43,7	23,6	55,4
População desempregada	8,1	14,3	8,9
População inativa	48,2	62,1	35,7
Taxa de desemprego (%)	15,7	37,7	13,8
Rácio de desemprego (%)	8,1	14,3	8,9
Taxa de desemprego de jovens / Taxa de desemprego de adultos		2,7	
População desempregada jovem / População desempregada total (%)		18,7	
População desempregada jovem / População total jovem (%)		14,3	

Quadro 2: População dos 15 aos 34 anos por grupo etário e condição perante o trabalho, estudante e não estudante, 2012

	Total	Estudante	Não estudante	Total	Estudante	Não estudante
	Milhares de indivíduos			%		
População total (15-24 anos)	1 128,3	766,7	361,6	100,0	68,0	32,0
População ativa	427,3	113,4	313,9	100,0	26,5	73,5
População empregada	266,3	64,2	202,1	100,0	24,1	75,9
População desempregada	161,0	49,3	111,7	100,0	30,6	69,4
População inativa	701,0	653,3	47,7	100,0	93,2	6,8
População total (25-34 anos)	1 459,0	263,4	1 195,7	100,0	18,1	81,9
População ativa	1 320,1	205,7	1 114,4	100,0	15,6	84,4
População empregada	1 080,7	160,4	920,3	100,0	14,8	85,2
População desempregada	239,4	45,3	194,1	100,0	18,9	81,1
População inativa	138,9	57,7	81,3	100,0	41,5	58,5
População total (15-34 anos)	2 587,3	1 030,1	1 557,3	100,0	39,8	60,2
População ativa	1 747,4	319,1	1 428,3	100,0	18,3	81,7
População empregada	1 347,0	224,6	1 122,4	100,0	16,7	83,3
População desempregada	400,4	94,6	305,9	100,0	23,6	76,4
População inativa	839,9	710,9	129,0	100,0	84,6	15,4

Diferenças entre a taxa de desemprego de jovens (15-24 anos), o rácio de desemprego de jovens (15-24 anos) e a taxa de NEEF (15-24 anos)

	População total 15-24 anos					
	População ativa 15-24 anos				População inativa 15-24 anos	
	População empregada 15-24 anos		População desempregada 15-24 anos			
	Estudante	Não estudante	Estudante	Não estudante	Estudante	Não estudante
Taxa de desemprego de jovens			Numerador			
	Denominador					
Rácio de desemprego de jovens			Numerador			
	Denominador					
Taxa de NEEF			Numerador	+	Numerador	
	Denominador					

Estimativas para 2012 (milhares de indivíduos)

	1 128,3					
	427,3				701,0	
	266,3		161,0			
	64,2	202,1	49,3	111,7	653,3	47,7
Taxa de desemprego de jovens (37,7%)			161,0			
	427,3					
Rácio de desemprego de jovens (14,3%)			161,0			
	1 128,3					
Taxa de NEEF (14,1%)			111,7	+	47,7	
	1 128,3					

Quadro 3: Jovens (15-24 anos) e jovens adultos (25-34 anos) não empregados que não estão em educação ou formação, 2012

	Taxa		Distribuição	
	Jovens (15-24 anos)	Jovens adultos (25-34 anos)	Jovens (15-24 anos)	Jovens adultos (25-34 anos)
	%			
Total	14,1	18,9	100,0	100,0
Homens	14,8	16,8	53,3	45,1
Mulheres	13,5	21,0	46,7	54,9
15-19 anos / 25-29 anos	7,3	18,8	24,9	45,8
20-24 anos / 30-34 anos	20,4	18,9	75,1	54,2
Até ao básico 3º ciclo	13,3	24,2	52,1	54,1
Secundário e pós-secundário	14,4	15,8	37,1	24,7
Superior	19,1	14,1	10,8	21,2
Norte	12,6	19,2	33,3	37,0
Centro	12,9	17,0	19,8	20,2
Lisboa	15,3	18,5	26,9	24,6
Alentejo	15,4	18,1	6,8	6,5
Algarve	14,2	22,4	3,9	4,6
Região Autónoma da Madeira	22,3	24,3	4,8	3,6
Região Autónoma dos Açores	22,4	24,2	4,4	3,5
Desemprego	69,4	81,1	70,1	70,5
Inatividade	4,9	6,7	29,9	29,5

Quadro 4: Jovens (15-24 anos) não empregados que não estão em educação ou formação por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo, região NUTS II e condição perante o trabalho

	Total	Sexo		Grupo etário		Nível de escolaridade completo			Região NUTS II						Condição perante o trabalho		
		Homens	Mulheres	15-19 anos	20-24 anos	Até ao básico 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	R. A. Açores	R. A. Madeira	Desempregado	Inativo
Milhares de indivíduos																	
1998	164,4	74,5	89,9	60,3	104,1	135,6	22,7	6,1	67,0	27,7	36,7	13,7	6,8	6,9	5,6	60,2	104,2
1999	156,6	67,8	88,8	58,8	97,8	130,2	20,5	5,9	59,6	30,1	37,9	11,3	5,4	7,0	5,4	52,4	104,2
2000	143,4	62,9	80,5	56,7	86,7	116,3	22,1	4,9	53,2	26,7	37,1	10,3	4,9	6,7	4,5	50,5	92,9
2001	144,2	63,7	80,5	56,7	87,4	117,4	21,5	5,2	51,1	25,9	41,7	10,4	5,9	6,1	3,2	53,9	90,3
2002	156,5	71,8	84,7	59,3	97,2	123,7	24,1	8,7	58,6	29,7	40,6	10,6	6,2	6,0	4,8	67,5	89,0
2003	161,8	77,8	83,9	62,4	99,3	124,1	27,7	9,9	65,4	25,4	41,2	11,1	6,1	6,3	6,2	77,7	84,1
2004	152,7	74,0	78,7	58,6	94,2	119,5	24,4	8,8	62,3	23,5	38,3	12,5	5,1	6,0	5,0	76,6	76,1
2005	146,5	68,2	78,4	50,5	96,0	110,6	25,5	10,4	59,1	27,1	32,8	11,9	5,4	6,1	4,3	79,0	67,5
2006	135,6	63,6	72,0	47,8	87,8	99,3	26,3	10,0	54,1	21,2	33,1	11,0	5,5	5,9	4,8	75,7	59,9
2007	138,8	61,2	77,6	45,1	93,7	98,8	28,8	11,1	52,4	24,1	33,2	10,3	6,8	6,1	5,8	75,3	63,5
2008	125,4	55,3	70,1	41,0	84,4	87,3	25,8	12,2	46,5	20,6	31,6	8,7	6,7	6,2	5,0	71,2	54,2
2009	133,0	64,2	68,9	38,7	94,4	91,5	30,8	10,7	56,6	20,5	28,9	9,6	5,9	5,8	5,7	80,4	52,6
2010	133,6	61,5	72,2	38,7	94,9	85,3	38,0	10,3	53,7	22,3	29,5	9,4	7,3	6,2	5,1	82,0	51,6
2011	145,5	72,1	73,4	43,8	101,7	87,6	44,7	13,2	52,0	26,9	37,3	8,3	7,1	7,2	6,6	94,4	51,1
2012	159,5	84,9	74,5	39,6	119,8	83,1	59,2	17,2	53,1	31,6	42,9	10,9	6,2	7,7	7,0	111,7	47,7

Quadro 5: Taxa de jovens (15-24 anos) não empregados que não estão em educação ou formação por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo, região NUTS II e condição perante o trabalho

	Total	Sexo		Grupo etário		Nível de escolaridade completo			Região NUTS II						Condição perante o trabalho		
		Homens	Mulheres	15-19 anos	20-24 anos	Até ao básico 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	R. A. Açores	R. A. Madeira	Desempregado	Inativo
%																	
1998	10,6	9,5	11,8	8,3	12,7	11,7	6,6	14,2	11,6	8,3	9,4	13,0	13,4	16,8	13,4	80,0	7,1
1999	10,3	8,8	11,9	8,3	12,1	11,5	6,0	13,9	10,5	9,1	10,0	10,9	10,6	17,0	12,8	85,1	7,2
2000	9,7	8,4	11,0	8,2	11,0	10,8	6,1	12,3	9,6	8,2	10,1	10,2	9,6	16,5	11,1	86,8	6,5
2001	10,0	8,7	11,3	8,5	11,3	11,4	5,8	12,8	9,4	8,2	11,7	10,6	11,7	15,1	8,2	84,7	6,5
2002	11,1	10,0	12,2	9,2	12,8	12,3	6,7	19,3	11,0	9,6	11,8	11,1	12,6	15,1	12,5	87,0	6,7
2003	11,8	11,2	12,4	10,0	13,3	13,1	7,3	22,5	12,5	8,4	12,5	12,0	12,8	15,9	16,4	86,9	6,6
2004	11,4	10,9	12,0	9,7	12,8	13,3	6,4	16,9	12,2	7,9	12,2	13,8	10,7	15,3	13,3	85,8	6,1
2005	11,2	10,2	12,2	8,6	13,2	12,5	6,8	21,7	11,7	9,3	10,7	13,3	11,4	15,6	11,5	87,1	5,5
2006	10,6	9,8	11,5	8,4	12,5	11,6	7,1	22,0	11,1	7,5	11,1	12,8	11,9	15,4	13,3	85,6	5,0
2007	11,2	9,7	12,8	7,8	14,1	12,3	7,6	21,5	11,1	8,8	11,5	12,5	15,0	16,3	16,5	87,7	5,5
2008	10,3	8,9	11,7	7,1	13,1	11,0	7,0	20,5	10,0	7,7	11,0	10,9	14,6	16,7	14,7	85,3	4,8
2009	11,2	10,6	11,8	6,7	15,4	12,0	8,5	16,9	12,5	7,8	10,2	12,4	13,0	16,0	16,9	86,0	4,8
2010	11,5	10,4	12,7	6,9	15,8	11,8	10,1	15,8	12,2	8,8	10,5	12,7	16,1	17,4	15,5	85,9	4,8
2011	12,7	12,3	13,1	7,9	17,3	13,3	11,1	16,1	12,0	10,9	13,4	11,5	16,3	20,4	20,6	70,7	5,1
2012	14,1	14,8	13,5	7,3	20,4	13,3	14,4	19,1	12,6	12,9	15,3	15,4	14,2	22,3	22,4	69,4	4,9

Quadro 6: Jovens adultos (25-34 anos) não empregados que não estão em educação ou formação por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo, região NUTS II e condição perante o trabalho

	Total	Sexo		Grupo etário		Nível de escolaridade completo			Região NUTS II						Condição perante o trabalho		
		Homens	Mulheres	25-29 anos	30-34 anos	Até ao básico 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	R. A. Açores	R. A. Madeira	Desempregado	Inativo
Milhares de indivíduos																	
1998	225,7	61,3	164,4	111,4	114,3	193,0	21,1	11,6	93,8	38,3	50,9	20,6	7,9	7,8	6,5	66,4	159,3
1999	213,8	60,8	153,0	104,3	109,5	186,8	14,0	12,9	85,5	38,9	50,1	16,7	7,2	7,9	7,4	57,8	156,0
2000	199,8	54,9	144,9	94,7	105,1	173,6	15,4	10,8	77,2	37,2	45,0	17,8	7,6	7,9	7,2	50,7	149,1
2001	194,1	58,6	135,5	93,0	101,1	167,6	15,1	11,4	73,7	38,1	43,8	17,0	8,0	6,9	6,6	51,6	142,5
2002	208,2	64,7	143,5	105,5	102,6	165,8	24,3	18,0	79,5	40,6	50,6	16,7	7,7	6,3	6,7	73,9	134,2
2003	230,2	83,2	147,0	118,9	111,3	179,2	29,0	22,0	89,6	40,5	61,6	16,8	8,4	7,2	6,0	97,5	132,6
2004	222,5	79,6	142,9	112,4	110,1	171,9	26,9	23,7	89,5	41,6	56,5	14,7	7,2	7,5	5,7	95,1	127,4
2005	227,4	82,4	145,0	119,0	108,4	164,7	35,2	27,6	90,3	38,3	61,2	15,8	8,3	7,3	6,2	118,4	109,1
2006	226,6	77,3	149,3	115,2	111,3	156,5	37,8	32,2	87,7	44,5	59,0	14,6	7,4	6,7	6,7	121,2	105,4
2007	240,8	83,6	157,3	119,1	121,7	166,2	35,9	38,7	96,5	44,4	63,0	14,0	9,1	7,2	6,7	130,6	110,2
2008	222,5	76,9	145,7	111,5	111,0	151,2	35,8	35,6	91,8	43,4	47,9	16,4	9,1	6,8	7,2	117,8	104,7
2009	234,0	89,5	144,5	108,6	125,4	161,4	43,3	29,4	89,6	48,8	57,2	15,7	9,9	6,4	6,4	139,0	95,0
2010	256,9	99,8	157,1	126,0	130,9	167,6	53,0	36,3	103,2	46,6	65,4	16,2	11,7	6,9	6,9	162,1	94,8
2011	236,5	104,3	132,2	115,2	121,3	139,0	52,2	45,3	83,9	49,9	60,7	15,4	10,6	8,7	7,4	152,1	84,4
2012	275,4	124,2	151,2	126,0	149,3	149,0	67,9	58,5	101,9	55,5	67,9	17,8	12,8	9,9	9,6	194,1	81,3

Quadro 7: Taxa de jovens adultos (25-34 anos) não empregados que não estão em educação ou formação por sexo, grupo etário, nível de escolaridade completo, região NUTS II e condição perante o trabalho

	Total	Sexo		Grupo etário		Nível de escolaridade completo			Região NUTS II						Condição perante o trabalho		
		Homens	Mulheres	25-29 anos	30-34 anos	Até ao básico 3º ciclo	Secundário e pós-secundário	Superior	Norte	Centro	Lisboa	Alentejo	Algarve	R. A. Açores	R. A. Madeira	Desempregado	Inativo
%																	
1998	14,8	8,1	21,5	14,4	15,3	17,6	8,3	6,6	16,2	11,8	12,9	20,5	15,2	21,8	16,3	90,3	11,0
1999	13,9	7,9	19,9	13,3	14,6	17,4	5,1	6,9	14,8	11,9	12,5	16,6	13,5	22,1	18,3	89,5	10,6
2000	12,9	7,1	18,7	11,8	14,0	16,4	5,3	5,4	13,3	11,4	10,9	17,6	13,7	22,0	17,8	91,4	10,0
2001	12,3	7,4	17,2	11,4	13,3	16,0	4,9	5,1	12,7	11,5	10,3	16,6	13,9	19,0	16,3	91,2	9,4
2002	13,0	8,0	18,0	12,7	13,2	16,0	7,6	7,3	13,5	12,1	11,6	16,0	13,0	17,0	16,5	92,5	8,8
2003	14,1	10,1	18,1	14,1	14,1	17,7	8,4	8,0	15,1	11,8	13,7	15,7	13,8	19,2	14,6	89,2	8,7
2004	13,4	9,5	17,4	13,2	13,7	17,4	7,4	7,7	15,0	12,0	12,2	13,4	11,6	19,3	13,7	89,2	8,2
2005	13,7	9,9	17,6	14,2	13,2	17,4	8,9	8,7	15,1	11,0	13,3	14,7	13,5	18,6	15,1	90,0	7,2
2006	13,7	9,3	18,2	14,2	13,2	16,9	9,5	9,7	14,8	12,7	12,9	13,4	11,8	16,9	15,9	89,8	6,9
2007	14,6	10,1	19,2	15,1	14,2	18,2	9,5	11,0	16,4	12,6	14,0	12,9	14,5	17,7	15,9	90,7	7,3
2008	13,7	9,4	18,1	14,6	12,8	17,4	9,4	9,4	15,8	12,3	10,9	15,1	14,6	16,5	16,9	92,0	7,0
2009	14,5	11,0	18,2	14,5	14,6	19,4	10,8	7,8	15,6	13,9	13,4	14,5	15,8	15,6	15,3	88,0	6,5
2010	16,3	12,5	20,2	17,1	15,5	22,2	12,3	9,3	18,2	13,4	15,8	15,2	18,9	16,5	16,8	89,4	6,8
2011	15,4	13,4	17,5	16,1	14,8	20,5	11,8	11,0	15,1	14,6	15,5	14,8	17,6	21,1	18,0	78,1	6,3
2012	18,9	16,8	21,0	18,8	18,9	24,2	15,8	14,1	19,2	17,0	18,5	18,1	22,4	24,3	24,2	81,1	6,7